

## O PRAZER NO CASAMENTO\*

*Margareth Rago\*\**

### RESUMO

Análise do discurso de médicos do início do século sobre o aspecto sexual do casamento, que expressam uma concepção moralista e machista. Contrapõe este discurso ao da escritora feminista Maria Lacerda de Moura que propõe uma moral única para ambos os sexos.

Prazer no casamento? É possível que o título suscite algumas reações de perplexidade, já que parece haver um certo consenso, nos anos noventa, de que no casamento não há espaço para os prazeres, principalmente o sexual, objeto deste artigo. Sem nenhuma preocupação em responder afirmativa ou negativamente a esta questão, gostaria apenas de apontar para a sua historicidade, mostrando como ela ocupou a imaginação de mulheres e homens em outro momento histórico. Porque se em nossa década já nem discutimos mais o assunto, tamanha a unanimidade reinante, devemos pelo menos reconhecer que os antigos tentaram, por todos os meios, preservar e salvar esta instituição dita sagrada.

Aliás, é interessante observar que a discussão sobre a importância conjugal, assim como da constituição da família, ao longo do tempo tem sido representada mais recentemente pelos historiadores, impelidos por alguma necessidade de repor, aqui e agora, esta discussão. Provavelmente, impulsionados por um ímpeto de reavaliar esta experiência histórica, neste final de século marcado por tantas incertezas.

Da minha parte, gostaria de refletir sobre a maneira pela qual o casamento e o sexo foram problematizados, entre os anos vinte e trinta, no Brasil, por médicos voltados para a questão da definição dos códigos da moralidade social e da regulamentação da prostituição. Num segundo momento, contraponho a esta visão masculina e elitizada a perspectiva de uma anarco-feminista de então.

### DA NECESSIDADE DA HIGIENE SEXUAL

É ilusão acreditar que os doutores, em geral, muito conservadores, se recusassem a discutir a questão do prazer sexual no casamento, emitindo pareceres que

---

\* Texto apresentado na Mesa Redonda "Temas e Perspectivas do Pensamento Social Contemporâneo", durante o 22º Encontro Nacional de Estudos Rurais e Urbanos - CERU - 1995.

\*\* UNICAMP

apenas reforçavam a idéia do intercuro sexual com fins procriativos. Embora a era vitoriana tenha sido bastante conhecida como aquela que reprimiu o desejo sexual, principalmente entre a sociedade considerada honesta, localizando as “perversões” no outro lado da margem, as coisas parecem não ter se passado tão simplesmente como imaginávamos, como apontam, Peter Gay e Carl Degler, entre outros.<sup>2</sup> Também aqui precisamos rever os estereótipos cristalizados por uma determinada memória histórica.

Sabemos, após Foucault, o quanto os séculos 19 e 20 problematizaram a sexualidade feminina, classificando os prazeres sexuais, normatizando o desejo, ao menos enquanto intenção disciplinar.<sup>3</sup> Na prática, felizmente as pesquisas históricas sugerem uma complexidade maior dos comportamentos, que apenas em parte se submeteram às prescrições normativas e higiênicas dos doutores.

Tudo indica que o homossexualismo, a prostituição, os prazeres solitários acabaram recebendo uma atenção maior por parte dos historiadores do que o amor heterossexual e o casamento. Deste modo, ainda pouco sabemos sobre a maneira pela qual o prazer sexual nas relações conjugais heterossexuais foi problematizado. E, na verdade, parece que os médicos se preocuparam com a mesma intensidade tanto com o casamento quanto com a prostituição, enquanto nós historiadores estivemos mais atentos aos “desvios”.<sup>4</sup>

É possível que a passagem do século 19 para o 20, vivenciada através de profundas transformações modernizantes, tenha aguçado o sentimento de instabilidade e insegurança para grande parte da população.<sup>5</sup> Desestabilização das antigas referências sociais, num mundo onde já não se conhecia a procedência étnica ou social de cada um; desestabilização das referências sexuais, já que novos modelos de feminilidade e masculinidade passavam a circular com a presença do feminismo e da “nova mulher”, por um lado, e dos tipos atléticos, ou “almofadinhas” da “jeunesse dorée”, de outro.

A questão é que, diante de tantas e contínuas mudanças nos costumes e na vida social, a preservação do casamento se tornou um assunto de primeira ordem,

---

2 Peter Gay - A EXPERIÊNCIA BURGUESA DA RAINHA VITORIA A FREUD; A EDUCAÇÃO DOS SENTIDOS, vol.1, SP, Cia da letras, 1988; Carl Degler - “What ought to be and what it was: women’s sexuality In the nineteenth century”, AMERICAN HISTORICAL REVIEW, 79(5):1467-1490, dec. 1974

3 Michel Foucault - HISTÓRIA DA SEXUALIDADE. A vontade de saber, vol.1, RJ, Graal, 1977.

4 Alain Corbin - “A pequena bíblia dos jovens nubentes”, In AMOR E SEXUALIDADE NO OCIDENTE, Porto Alegre, LPM, 1992, p. 201-11; Laure Adler - SEGREDOS DE ALCOVA (História do casal), 1850-1930, Lisboa, Terramar, 1983.

5 Margareth Rago - OS PRAZERES DA NOITE. Prostituição e Códigos da sexualidade feminina em São Paulo. RJ, Paz e terra, 1991; Elaine Showalter - ANARQUIA SEXUAL, RJ, Rocco, 1994.

pois, enquanto o mundo da prostituição conquistava espaço diversificando suas formas de consumo e o homossexualismo ganhava visibilidade desde a década de setenta do século passado, ameaçando conseguir novas adesões por parte dos jovens castos, o feminismo colocava no cenário a figura da “mulher emancipada”, ágil e desembaraçada, muito mais preocupada com o trabalho e com a sua liberdade do que com a missão materna, tão apregoada pelos médicos e juristas. E se a “nova mulher”, ao lado da “melindrosa” e da “cocotte”, se recusasse a contrair o matrimônio e, mais do que isso, além de praticar o “amor livre”, se negasse a realizar sua natureza essencial? A espécie humana não mais se reproduziria? Não é preciso muito esforço para imaginar o pânico que assolou esta sociedade. Aliás, estudos recentes também vêm revelando as fantasias masculinas que envolveram a sexualidade feminina no fin-de-siècle. A mulher oriental, envolta em véus, ocultando seus terríveis mistérios e perigosas armadilhas povoou o imaginário masculino de então.<sup>6</sup>

Assim, a preservação do casamento constituiu um tema que circulava com frequência nas revistas destinadas ao grande público, nos folhetins e romances, nos periódicos destinados ao público feminino, na imprensa operária, para além dos tratados médicos e jurídicos, desde a passagem do século passado para o atual. Enquanto a anarquista Tibi condenava o matrimônio por fundar-se numa relação assimétrica entre os sexos, servindo apenas “para abreviar a duração do amor, tornando odiosa a união”, (O matrimônio e a mulher. Moral burguesa e moral futura”, O Amigo do Povo, 2.8.1902), a feminista Iracema, colaboradora da Revista Feminina, ao examinar a questão “Por que o casamento emudece o homem?”, em dezembro de 1921, ponderava:

*“Quem não tem notado no restaurante, no teatro, no bonde, no cinema, na rua, os casais silenciosos, os casais mudos, o homem e a mulher presos um ao outro pelas pesadas e invisíveis cadeias da lei, do preconceito, do interesse, do respeito social, do hábito ou do dever, e tão indiferentes um ao outro, tão desunidos de pensamento, tão divorciados de sentimentos, que mais parecem dois seres estranhos, desconhecidos, reunidos instantaneamente por um simples acaso?”*

Segundo ela, o imenso abismo entre os dois cônjuges resultava de “um grave defeito de educação”, que fazia com que o homem não visse a mulher “como mulher”, mas apenas “como um ser neutro, inferior, embora respeitável, que se chama esposa”.

Já o escritor Menotti del Picchia, escrevendo para a mesma revista sobre o receio dos rapazes diante do casamento, enveredava por outra direção,

---

6 Veja-se Elaine Showalter - op. cit., cap.8: “A mulher encoberta”.

assinalando que as “liberdades bolcheviques” haviam revolucionado a ética e a moda de tal maneira, que “as saias escalam o joelho, na ânsia de evadirem da toilette”, enquanto “os decotes descem às costas e ao ventre, e em matéria de mangas há a simples ilusão de terem outrora existido...”. Portanto, os moços, “conhecendo bem a psicologia das nossas atuais **melindrosas**”, tornavam-se arre-dios e temerosos diante da opção pela união indissolúvel. Para finalizar, culpava definitivamente as mães, incapazes de oferecer uma educação decente para as “cabecitas frívolas dessas moças serigaitas”. (“Caso ou não caso?”, Revista Feminina, julho de 1920).

Os argumentos desenvolvidos pelos homens cultos em favor da educação sexual dos jovens revelam que a preservação dos valores morais burgueses se colocava com alguma insistência, e que esta aparecia como uma poderosa arma no combate moral aos perigos, imaginários e reais, que visualizavam. O dr. Ubaldino A. de Oliveira, por exemplo, em discussão sobre a questão da PROFHYLAXIA SOCIAL, em 1924, afirmava que as causas da “derrocada moral” de nossa sociedade se deviam a que

*“Os moços de hoje, desde meninos, ainda impúberes, sonham com uma aspiração única - o gozo!”<sup>7</sup>*

Pela falta de educação sexual, ficavam seduzidos pelas orgias e pelos “vícios elegantes”, entenda-se, as drogas. Desde cedo, aprendiam a arte de seduzir as “mulheres honestas”, e apenas quando “gastos” resolviam casar-se. Para o dr. Orlando Vairo, o vício se alastrava de tal modo na cidade de São Paulo, que até mesmo senhoras casadas da alta sociedade já se entregavam “à embriaguez do lança-perfume”, isto em pleno salão de danças.”<sup>8</sup>

Em relação à educação das moças, o dr. Ubaldino perguntava:

*“E a mulher, como evolui? - Desde criança, observa os trajes afrodisíacos dos que a circundam e seus próprios vestidos demasiado curtos e leves, não conseguem esconder seu corpinho inocente.”(idem,p.14)*

Logo, começava a freqüentar a vida social, os cinemas e os “viciadíssimos bailes atuais”. Já adulta, o noivo não aparecia.

*“Excitada nos bailes, cinemas, teatros, etc., sem ver a possibilidade de satisfação honesta e natural de seu instinto de*

7 Ubaldino Antunes de Oliveira - PROFHYLAXIA SOCIAL, SP, 1924, p. 13.

8 Orlando Vairo - OS ‘VÍCIOS ELEGANTES’ PARTICULARMENTE EM SÃO PAULO, SP, Companhia Gráfica/Monteiro Lobato, 1925, p. 21-22.

*mulher, sem conhecimento perfeito da missão que lhe compete, e dos perigos a que se acha exposta, um dilema se lhe antolha: ou fala mais alto o instinto, e ela se prostitui, - ou um resto de pudor e vigilância dos pais a detêm até aparecer um marido - qualquer que ele seja - escolhido muitas vezes por pais inescrupulosos".(idem, p.15)*

Ao mesmo tempo, os defensores da educação sexual acreditavam que a ignorância masculina em relação ao corpo e ao funcionamento desejante da mulher resultava em freqüentes desisteligências entre o casal. Portanto, exclamava A. Debay:

*"Srs. homens, rogo-vos que vos deis ao trabalho de estudar a mulher em sua organização física e moral; (...) a maior parte dos homens casados, para não dizer quase todos, ignoram as verdades fisiológicas que acabamos de expor; sua ignorância relativamente a este fato natural leva-os a queixarem-se da indiferença de suas consortes e os torna ridículos, senão injustos;(...)".<sup>9</sup>*

## A "HIGIENE DO AMOR"

Tendo em vista educar os homens e informá-los sobre as questões sexuais, os médicos elaboraram manuais de higiene sexual, ou de higiene do amor e das paixões", visivelmente perturbados com as crescentes crises e separações conjugais.

Na direção destas problematizações, publicou-se, em 1929, o manual HIGIENE SEXUAL, do dr. J. B. Olavarrieta, continuando uma já conhecida tradição de aconselhamento médico dos casais.<sup>10</sup> Examinemos os argumentos aí apresentados. Convicto da necessidade da união sexual para mulheres e homens através do casamento, o médico discernia as necessidades sexuais e emocionais de cada um: no caso das mulheres, o matrimônio afigurava-se da maior importância e era, aliás, exigido por sua própria constituição física, sob pena dela apoderar-se a "chlorose lenta e contínua", ou pior, de ela interessar-se pelas práticas detestáveis do onanismo e da prostituição. Função de controle e de auto-concentramento, portanto. Casadas, as mulheres reafirmariam uma identidade natural saudável, que as destinava à maternidade.

Já para os homens, uma das vantagens do matrimônio e, conseqüentemente, da regularidade virtual do prazer sexual obtido "com moderação" seria o prolongamento da vida, pois a satisfação sexual comunicaria ao corpo "maior vigor às funções e uma justa compensação pelos trabalhos desenvolvidos". Função de vitalidade e de energização. Segundo suas pesquisas, prosseguindo a tradição dos natu-

9 A. Debay - HIGIENE E PHYSIOLOGIA DO AMOR NOS DOUS SEXOS, RJ, B.L.Garmier, 1881, p. 140.

10 J.B.Olavarrieta - HIGIENE SEXUAL, SP, A.C.Martin, 1929.

dade e de energização. Segundo suas pesquisas, prosseguindo a tradição dos naturalistas europeus, a regularidade sexual para ambos os sexos resultaria em muitas vantagens para a vida física, moral, intelectual, ao contrário do que ocorria com os solteiros, expostos com mais facilidade a contrair doenças e vícios que “esgotam prontamente o organismo”. Em suas palavras:

*“Os casados vivem mais do que os solteiros, segundo os cálculos de diversos doutores e naturalistas: Buffon, Sinclait, Margen, Buard, Stelim, etc., e por muitos estadistas isto é também reconhecido. Obteve-se em uma média de cem indivíduos, que 28 óbitos pertenciam aos solteiros e 17 aos casados. Para cada 72 casados que chegam a 50 anos, não existem mais que 41 solteiros que alcancem esta idade”*. (p.9)

Entendendo que o casamento respondia a uma exigência natural para ambos os sexos, Olavarrieta não deixava de ser favorável ao divórcio, pois acreditava que a única garantia para a conservação do contrato estabelecido entre eles seria apenas “a satisfação do apetite sexual”. Nesse sentido, alertava:

*“Todo intento de mistificação, alheio a este processo, é um subterfúgio que a experiência se encarrega sempre de destruir”*. (p.10)

Procurava, então, mostrar em suas reflexões a importância do prazer sexual nas relações contraídas pelo casal, e alertar contra os perigos de ignorar-se a questão sexual. De uma certa maneira, embora não explicitamente, seu manual de “higiene sexual” apresentava-se como um guia para a realização dos prazeres entre o casal, tendo em vista a preservação do casamento, como, aliás, encontramos hoje em dia em algumas revistas destinadas ao público feminino.

O manual procurava informar o público-leitor - principalmente constituído por homens - a respeito da fisiologia tanto do homem quanto da mulher, elucidando alguns pontos sobre o prazer sexual para ambos. Fundamentalmente, considerava-se que embora a mulher tivesse necessidades sexuais, estas não eram tão prementes e ameaçadoras quanto as masculinas,

*“pois a mulher não conhecendo a tumescência, fenômeno representado no homem, pela repleção e distensão dos órgãos genitais, em particular de suas vesículas seminais, não precisa se socorrer da cópula, para conseguir o fenômeno oposto, isto é, o da detumescência”*.<sup>11</sup>

Por este mesmo motivo, aceitava-se a existência de um espaço geográfico

---

11 José de Albuquerque - *HYGIENE SEXUAL*, RJ, Leite Ribeiro/Freitas Bastos, 1929, p.76.

especialmente destinado ao transbordamento do desejo masculino, mas onde as mulheres presentes seriam muito possivelmente percebidas pela tipologia do Dr. Lombroso. Refiro-me evidentemente à zona da prostituição.

Dentre as enfermidades que poderiam afetar e mesmo interromper as relações sexuais do casal, Olavarrieta destacava a **anafrodisia**, ou “**a falta de desejos venéreos**”, raríssima entre os homens, porém, muito freqüente nas esposas, em virtude da experiência sexual diferenciadíssima que ambos traziam para o matrimônio. Segundo o médico, a indiferença pelos prazeres sexuais que se manifestava na mulher resultava tanto de uma educação errônea, que acentuava sua ignorância em relação às necessidades sexuais e aos deveres conjugais, quanto do egoísmo e do “nêscio excesso de pureza” dos maridos. Chegando ao casamento “sexualmente gastos, enfasiados e estragados”, estes submetiam suas esposas a regimes de relações sexuais extremamente austeros, “transformando as carícias em obrigação, quem sabe em repugnância ou em dor”. O resultado disso era que as mulheres fugiam do sexo com o marido, ao invés de encontrar no parceiro uma importante fonte de satisfação sexual. Para o Dr. Olavarrieta, os homens haviam sido induzidos erroneamente a acreditar que as práticas sexuais prazerosas só poderiam ser consumadas com amigas, amantes ou prostitutas, respeitando religiosamente as esposas. Para o saber médico, os homens tinham uma posição muito conservadora em termos sexuais, projetando na esposa a figura da mãe, isto é, dessexualizando-a. Segundo ele:

*“Erroneamente, o casado evita com sua mulher toda classe de refinamentos durante o acto sexual, crendo deste modo cumprir mais fielmente as obrigações de marido, já que a alegria, a satisfação, a recreação ficaram nos braços de suas amigas anteriores. Repetí-las com sua própria mulher, com a que vai ser “mãe de seus filhos” seria insensato, equivaleria a tanto como insultá-la, ofendê-la, quiçá, prostituí-la”. (p.16)*

Ao mesmo tempo, o prazer no casamento seria fundamental e saudável também para o homem, evitando o recurso à masturbação e à procura dos prazeres extra-conjugais. No primeiro caso, conhecemos o terror suscitado pelas práticas onanistas na medicina dos séculos 19 e 20. A própria impotência, afirmava o Dr. Olavarrieta, um dos principais problemas que afetava a relação entre o casal, evidenciando-se com mais freqüência no homem, resultaria do abuso da masturbação, do excesso de relações sexuais ou de prazeres solitários, na grande maioria das vezes, quando não de enfermidades venéreas contraídas no mundo exterior. Em relação ao onanismo, afirmava ele:

*“as vítimas desta paixão solitária perdem a memória e a inteligência; tornam-se estúpidas, melancólicas e hipocondríacas; desejam a solidão, são incapazes de estudar, e chegam bem*

*facilmente à degenerescência amplamente declarada”. (p.57)*

Vale notar que o saber médico de então tinha uma concepção bastante ampla das práticas onanísticas, entre as quais destacava as que caracterizavam o **onanismo conjugal**, segundo suas informações, muito praticado naqueles tempos; a saber, a sodomia, o coito interrompido, e até mesmo a utilização do condão, atual camisinha, “unicamente tolerável nos coitos mercenários, pois consegue sempre evitar os contágios venéreos”.

É interessante notar que, apesar das concepções moralistas e extremamente misóginas destes doutores, muitos reconheciam o “apetite sexual” também nas mulheres, procurando alertar para a importância de ser, ao menos parcialmente, satisfeito. Discutindo O PROBLEMA VENÉREO, em 1926, outro médico afirmava que o apetite sexual sendo diferente nos dois sexos, no homem era mais intenso justamente porque a ele cabia a parte ativa da relação, o que não significava, porém, que aquela deixasse de conhecer o orgasmo:

*“o papel da mulher no coito é em geral meramente passivo; sem deixar de ter o orgasmo venéreo, por vezes tão intenso quanto o do homem e por vezes superior ao deste (grifos meus), a mulher é na regra comum menos sensual; nela o instinto de geração está mais conservado que no homem, embora as restrições que a sociedade lhe impõe sejam muito mais severas que as que se impõem ao outro sexo”.<sup>12</sup>*

Também não era segredo para os doutores a questão das possibilidades orgásticas das mulheres. Já em 1886, outro doutor observava, em sua tese sobre O ONANISMO NA MULHER:

*“o clitóris é um órgão erétil, cuja estrutura se assemelha à dos corpos cavernosos e que apoiado sobre o dorso do pênis, no acto da cópula, recebe a excitação pelo atrito deste, dando em resultado a satisfação do desejo venéreo”.<sup>13</sup>*

Por isso mesmo, advertia que, em geral, o homem terminava a cópula antes da mulher,

*“de modo que, havendo lentidão e portanto o clitóris não sendo perfeitamente friccionado pelo pênis, permitindo apenas um começo de prazer, este ato que lhe é mais enfadonho que*

12 José de Moraes Leme - O PROBLEMA VENÉREO, Faculdade de Medicina de São Paulo, 1926, p.60.

13 A. D’Almeida Camilo - O ONANISMO NA MULHER E SUAS INFLUÊNCIAS SOBRE O FÍSICO E O MORAL, RJ, 1886, p.22.

*agradável a obriga a masturbar-se para completar o prazer que começara a sentir”.*

É claro que, apesar dos seus refinados conhecimentos, os médicos estavam menos preocupados com a satisfação das necessidades sexuais femininas do que com a garantia do casamento e com o futuro da prole. Fundamentalmente, pregavam a indissolubilidade do matrimônio, embora evidenciando direta ou indiretamente suas angústias e seus temores. De qualquer modo, o nacionalismo crescente entre as décadas de vinte e trinta fundamentava uma forte preocupação eugênica com o fortalecimento da raça, com a formação dos futuros cidadãos da pátria e com a transmissão dos valores éticos, como se pode observar nas afirmações do Dr. Renato Kehl, fundador do Instituto Brasileiro de Eugenia.

Mesmo assim, uma série de preceitos eram definidos de modo a orientar os maridos, principalmente, na boa condução da relação sexual: urinar antes de copular, “a fim de evitar a pressão causada pela distensão da bexiga cheia de urina sobre os órgãos genitais internos”; evitar a ingestão de bebidas alcoólicas, para que não se acostumassem a copular sob a ação de um excitante; evitar alimentar-se de uma a duas horas antes da cópula.

Já durante o ato sexual, recomendava-se que a relação se restringisse ao “coito vaginal”, isto é, “intromissão do pênis na vagina, estando o corpo em posição horizontal e ficando a mulher em plano inferior em relação ao homem”; dormir ou repousar um pouco após o ato; e, sobretudo, nunca repetir a cópula, “seja ao se terminar a primeira, seja horas após, no mesmo dia”. O “coito interrompido” era condenado também por não resultar em satisfação sexual para as mulheres, que

*“sofrem grandes perturbações nervosas, em consequência do estado de insatisfação sexual, que desta prática deflui, devido ao fato da mulher interromper em regra geral a cópula, antes de entrar em orgasmo”.*<sup>14</sup>

E mesmo no caso em que o homem conseguisse reter a ejaculação, para que a companheira pudesse “entrar em orgasmo antes da interrupção do coito”, nem assim sua satisfação sexual estaria garantida, pois ela ficaria igualmente “privada do esperma, (e) não participaria dos benefícios, que de sua absorção defluiriam”.

De modo geral, aconselhavam os doutores que a cópula fosse quinzenal durante os três primeiros anos após a puberdade; semanal do terceiro ao sexto ano; e finalmente bi-semanal, com intervalo regular de três a quatro dias uma da outra, em se considerando os homens. Para a mulher, acreditavam que ela não precisaria regular o número de suas cópulas semanais, “visto não ser ela in-

---

14 José de Albuquerque - op.. cit., p.80.

uma da outra, em se considerando os homens. Para a mulher, acreditavam que ela não precisaria regular o número de suas cópulas semanais, “visto não ser ela influenciada maleficamente pela elevação ou diminuição de seu número, como se dá com o homem”. (idem, p.78) Evidentemente, isto não significava que ela poderia se entregar “desenfreadamente” ao coito, pois isto lhe acarretaria prejuízos com a esterilidade.

Prescreviam o horário noturno, isto é, ao se deitar para dormir, como o mais adequado para a realização do sexo por vários motivos: neste horário, as pessoas poderiam relaxar, já que não tinham mais obrigações, nem horários a cumprir. Embora muitos casais mostrassem preferências pelo sexo logo ao se despertar pela manhã, o saber médico apontava para a “falta de poesia” que implicava o ter que levantar-se para as necessidades biológicas fundamentais. A primavera era considerada “a estação mais favorável aos amores e a uma bela fecundação”, enquanto que os períodos de calor ou frio excessivos seriam inconvenientes para a satisfação do apetite sexual, pois o organismo estaria mais debilitado e o fruto da fecundação poderia não ser muito robusto.<sup>15</sup>

Em relação ao recurso à prostituição, os doutores oscilavam entre um discurso mais radical como o do Dr. Olavarrieta, estipulando que

*“o homem digno, que se presa a si próprio, deve recusar sempre as oportunidades de entrar em relações com as prostitutas”*,

até os mais condescendentes, para os quais cabia aos médicos alertarem contra os perigos existentes nos contatos extraconjugais. Como observava o Dr. Albuquerque, toda a vez que a esposa se achasse impedida por algum motivo de ter relações sexuais com o marido, ou que estivesse em viagem, este poderia “se entregar ao coito com outra mulher, sem que por isso, incida num delito de ética sexual”. Ao contrário, para a mulher esta prática seria radicalmente condenável, já que ela não precisava se liberar da “tumescência, provocada pela repleção das vesículas seminais”.<sup>16</sup>

Prescreviam, então, que o homem evitasse os horários de maior afluência nas zonas de meretrício, para não precisar copular apressadamente; que não beijasse nem se deixasse beijar na boca pela meretriz, pois a mucosa bucal poderia estar contaminada e infectá-lo, e indicavam vários produtos antissépticos para sua higiene pessoal pós-coito.

Em geral, caracterizavam as prostitutas como mulheres perigosas e extravagantes, ávidas pelos excessos, nômades e irrequietas, com as quais os homens poderiam praticar certos atos, mas sem muito envolvimento. Em suas caracterizações tipológicas:

---

15 A. Debay, op. cit., p.156.

16 José de Albuquerque - MORAL SEXUAL, RJ, 1930, p.127.

*“Os traços principais do caráter da prostituta são: uma mobilidade de espírito verdadeiramente extraordinária; nada lhes atrai a atenção demoradamente; a menor coisa as distrai e alucina; amam com delírio o que elas chamam a sua liberdade; não querem sofrer nenhuma violência e desejam mudar freqüentemente do domicílio. (...) A gula e o gosto dos licores fortes, bem como o tabaco são habituais nesta categoria de mulheres. São também muito partidárias da cocaína, da morfina e demais estupefacientes”.*<sup>17</sup>

Reproduzo este parágrafo que nada tem de original, quando comparado às já conhecida teses médicas sobre a prostituição, produzidas desde os inícios do século 19, a partir das observações do médico francês Alexandre Parent Duchâtelet, apenas para mostrar as permanências das estruturas mentais, como diriam os historiadores das mentalidades, apesar dos incontestáveis avanços tecnológicos no campo da ginecologia e da obstetrícia, ao longo dos dois últimos séculos.

## A PERCEPÇÃO FEMININA DO DESEJO

Enquanto os homens produziram inúmeros tratados científicos, tentando explicar a constituição física e moral das mulheres, entender o funcionamento de sua economia desejante, especificar como, onde e quando elas teriam possibilidades de sentir prazer sexual, tudo indica, pelo menos até o presente estágio das pesquisas históricas, que as mulheres deixaram poucos escritos, científicos ou mesmo poéticos, falando de sua sexualidade.

Ainda assim, algumas mulheres esclarecidas, como Maria Lacerda de Moura, tematizaram a questão sexual na perspectiva feminina/sta, lançando críticas contundentes aos saberes científicos relativos ao “sexo frágil”, tanto quanto ao machismo e à ignorância dos homens em relação ao desejo e ao corpo femininos.<sup>18</sup>

É claro que, diferentemente de um tratado médico ou de um manual de higiene sexual, seus textos operam em outro registro, revelando de um lado, uma acentuada preocupação de crítica às concepções misóginas sobre as relações amorosas e sexuais vigentes; de outro, propõem uma nova utopia sexual. Colocando-se ao lado dos pensadores que defendiam a educação sexual e a emancipação das mulheres, ela propunha uma nova moral sexual de cunho profundamente libertário.

---

17 J.B.Olavarrieta, op. cit., p.73.

18 Miriam Moreira Leite - OUTRA FACE DO FEMINISMO: MARIA LACERDA DE MOURA, RJ, 1984.

## CASAMENTO E (DES)PRAZER

Ao lado dos anarquistas, Maria Lacerda foi uma crítica ferrenha do contrato do casamento e da exigência da virgindade, a “hymenolatria”, como ela dizia, por toda a humilhação que impunha à mulher. Afinal, se não se casasse, tornar-se-ia uma “solteirona” digna de piedade; se se casasse, ficaria eternamente confinada ao lar, abafando sua individualidade, limitada ao exercício da maternidade. O casamento representava para ela a destruição do amor e do desejo, especialmente nos moldes pregados pelos padres e que até mesmo muitos médicos contestavam, isto é, indissolúvel.

“A imoralidade não está no amor fora do casamento, está no casamento ou nas uniões livres fora do Amor”. afirmava ela.<sup>19</sup>

Acima de tudo, e ao contrário dos médicos, esta livre pensadora e ativista política estava profundamente preocupada com a **emancipação da mulher**, acreditando que esta não se limitava à conquista da independência financeira ou dos direitos políticos, mas que passava por uma profunda reeducação cultural: significava uma revolução por dentro e um enfrentamento moral com a sociedade.

*“Todas as mulheres ‘indivíduos’, todas aquelas que se conservaram ou que se fizeram ‘ellas mesmas’, tiveram de arrostar, heroicamente, contra a má vontade e o egoísmo masculino e até contra a própria mulher, através da sua inconsciência milenar”.*  
(idem, p.95)

Crítica do feminismo liberal, entendia que a luta pelos direitos políticos, como o voto, não resolveria os problemas da condição feminina, já que seus direitos eram muito mais amplos e haviam sido “sempre espezinhados por uma moral muito cômoda feita exclusivamente pelo sexo forte e para o sexo forte que, por ser forte, predomina”.

Adepta da educação sexual para os jovens e, principalmente, da coeducação, traduzira o escritor argentino Julio Barcos, em seu **LIBERDADE SEXUAL DAS MULHERES**, onde defendia que na nova ética destinada a reger a sociedade, “survirá naturalmente uma só moral, para os dois sexos”, segundo a qual haveria apenas esta equação: “mulheres livres para homens livres”.<sup>20</sup>

19 Maria Lacerda de Moura - **RELIGIÃO DO AMOR E DA BELEZA**, SP, Condor, 1926, p.103; **“A MULHER É UMA DEGENERADA”**, SP, Paulista/José Napoli, 1924.

20 Julio Barcos - **LIBERDADE SEXUAL DAS MULHERES**, SP, Editorial Paulista, 4.ed., 1929, prefácio de Maria Lacerda de Moura.

Maria Lacerda repetia estes argumentos e a proposta da moral única para ambos os sexos inspirada pela mulher, já que a esta caberia a função de elevar os homens do embrutecimento em que se encontravam. Nesta nova moral sexual, o amor não deveria se sujeitar a regras exteriores a ele, devendo ser “livre” e vivenciado pelos dois sexos em busca da harmonia. Portanto, as mulheres tanto quanto os homens deveriam praticar o “amor plural”, já que o amor monogâmico criava dependências difíceis de serem sustentadas.

*“O homem é pluralista: é a razão da sua calma, da sua experiência, da sua maior serenidade, da sua certeza indo ao encontro do prazer ou do amor. Sabe que não se esgotará num só, que tem reservas para continuar o seu caminho e vai ao encontro de todos os deliciosos acidentes ou de todas as experiências amorosas que venham pairar em torno dos seus desejos. Quanto à mulher, convencionaram que só pode amar a um homem”.*

Se a distância crítica deve-nos fazer perder o romantismo ao lermos esta autora, relativizando suas propostas, não há como negar o impacto que o contato com sua obra nos trouxe, apenas uma década atrás, principalmente quando se acreditava que a **descontração do discurso médico definidor da identidade feminina** era obra da atualidade. Lembre-se que à declaração científica de um doutor segundo a qual **“A Mulher é uma Degenerada”**, esta autora acrescentara um ponto de interrogação e fizera o título de seu livro, destinado a questionar a legitimidade e a cientificidade desta concepção.

É certo que futuras descobertas nas pesquisas históricas trarão novas revelações em termos das concepções femininas sobre a questão sexual no passado. De modo geral, já sabemos que o assunto era tabu não só para as mulheres e que por isso mesmo cabia aos médicos, autoridades muito respeitadas, enunciarem esses temas. Ainda fica por determinarmos quem lia esses doutores, e que contato tinham as mulheres com suas obras. Mesmo assim, sabemos também que grande parte das teorias médicas eram passadas através do contato direto, como costuma acontecer ainda hoje, e certamente assim também chegaram até muito recentemente a constituir uma de nossas principais “bíblis”, para lembrarmos novamente os franceses.<sup>21</sup>

---

21 Refiro-me ao texto de A. Corbin, **“A pequena bíblia dos jovens nubentes”**, op. cit.

## BIBLIOGRAFIA

### Textos Médicos:

- A. Debay. *Hygiene e physiologia do amor nos dous sexos*. Trad. de Antonio José Fernandes dos Reis. Rio de Janeiro: Garnier, 1881.
- Antonio Augusto d'Almeida. *O onanismo na mulher e sua influência sobre o físico e o moral*. Rio de Janeiro, tese de doutoramento apres. à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1886.
- J.B. Olavarrieta. *Hygiene das paixões*. São Paulo: Editorial Paulista, s.d.
- J.B. Olavarrieta. *Hygiene sexual*. São Paulo: Martin, 1929.
- José de Albuquerque. *Educação sexual pelo rádio: palestras*. Rio de Janeiro: Círculo Brasileiro de Educação Sexual, 1935.
- José de Albuquerque. *Hygiene sexual*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro/Freitas Bastos, 1929.
- José de Albuquerque. *Moral sexual*. Rio de Janeiro, 1930.
- Paulo de Godoy. *Eugenia e seleção*, tese apresentada à Faculdade de Medicina de São Paulo: Helios, 1927.
- Pedro Monteleone. *Os problemas da eugenia brasileira*, Faculdade de Medicina de São Paulo, 1929.
- Ubaldo Antunes de Oliveira. *Prophylaxia sexual social*, tese de doutoramento da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, 1924.

### Literatura Feminina:

- Maria Lacerda de Moura. *Han Ryner e o amor plural*. São Paulo: Unitas, 1932.
- Maria Lacerda de Moura. pref. ao livro de Julio Barcos. *Liberdade sexual das mulheres*. 4.ed. São Paulo: Editorial Paulista, (1929).
- Maria Lacerda de Moura. *A mulher é uma degenerada*. São Paulo: Typ. Paulista/José Napoli, 1924.
- Maria Lacerda de Moura. *Religião da beleza e do amor*. São Paulo: Typ. Condor, 1926.

### Fontes Secundárias:

- Alain Corbin. "A pequena bíblia dos jovens nubentes". In: *Amor e sexualidade no ocidente*. Edição especial da Revista L'Histoire/Seuil, Porto Alegre: LPM, 1992.
- Bram Dijkstra. *Idols of perversity: fantasies of feminine evil In fin-de-siècle culture*. Oxford University Press, 1986.
- Cláudio Denipoti. *Páginas de prazer*, dissertação de mestrado, Depto de História, Universidade Federal do Paraná, 1994.
- Elaine Showalter. *Anarquia sexual*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- Jean Flandrin. *O sexo no ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- Laure Adler. *Segredos de alcova: história do casal, 1850-1930*. Portugal: Terramar, 1983.

Michel Foucault. *História da sexualidade*. Vol.1: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1977; Vol.2: O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1984.  
Peter Gay. *A experiência burguesa de Vitória a Freud: a educação dos sentidos*. São Paulo: Cia das Letras, 1988.

## **ABSTRACT**

Analysis on the medical speeches at the beginning of the century about the sexual aspect of the marriage, that expresses a moralist and male predominant concept. This speech is opposite to Maria Lacerda de Moura's speech, a feminist writer, that proposes a unique moral principles for both male and female sex.